

Editorial

O FRACASSO DO ESTADO

Há vários dias que os 50 mil moradores do aglomerado da Serra, na região Centro-Sul da capital, enfrentam um tiroteio promovido por gangues rivais em disputa por pontos do tráfico ou em represália à suposta prisão de um traficante. Para se defender, os moradores adotaram, espontaneamente, o toque de recolher, só saindo de casa em caso de muita necessidade. **O TEMPO** constatou que as ruas estão desertas, inclusive nas imediações do aglomerado.

Para uma moradora, a estratégia é manter a neutralidade. Não ser amigo nem inimigo das gangues. “Não adianta pedir ajuda, a melhor coisa a se fazer é ficar calado.” Reclamam da falta de integração entre a polícia e a comunidade.

A polícia já fez várias intervenções no aglomerado, muitas sem sucesso. Em pelo menos duas, matou moradores inocentes, colocando a comunidade contra os PMs. Em 2014, o governo inaugurou um posto com nome pomposo.

A Aisp – ou Área Integrada de Segurança Pública – não aproximou a polícia da população nem intimidou os criminosos. Frequentemente o posto está vazio. Domingo, uma viatura da PM foi recebida a tiros no aglomerado.

Parece que o ideal de uma polícia comunitária fracassou ali. Lá e em outras áreas em que vive a sociedade marginalizada do país. O aglomerado da Serra é uma parte do gigantesco mundo da periferia brasileira.

Os problemas são iguais. Há mais de um século que o poder público esqueceu a existência dessa população. Só se lembra dela em época de eleições e como mão de obra barata para desestabilizar o mercado de trabalho.

A presença do Estado se limitava à polícia – para manter a ordem. O tráfico ofereceu empregos. Hoje, ele confronta os policiais, inclusive militarmente. A entrada da corporação nesses aglomerados é quase sempre desastrosa.

Urge uma intervenção do Estado nesses locais. Entretanto, é necessária uma presença que promova a cultura, a educação, a saúde, o lazer e o trabalho. O poder público pode contar com o apoio da maioria de seus moradores, cidadãos de bem.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

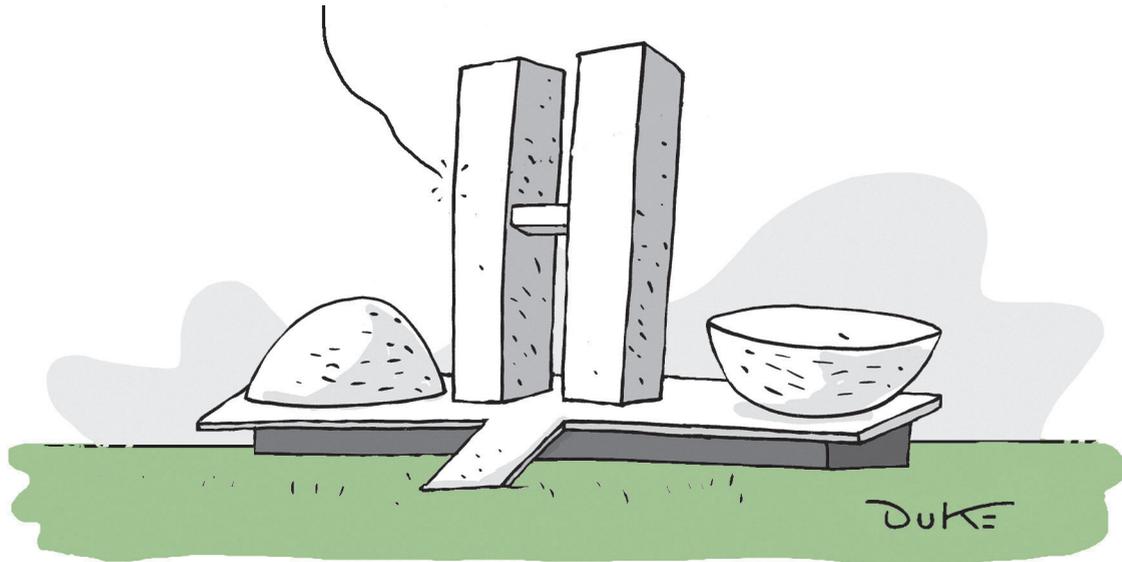
EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

FIM DAS FÉRIAS, COLEGA
PARLAMENTAR, BORA
VOLTAR A TRABALHAR...
EM CAUSA PRÓPRIA!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Carnaval é momento de ‘furor igualitário’ e desabafo popular

Roseana se dizia foliã e criou seu próprio circuito carnavalesco

Cresci ouvindo falar que São Luís era o terceiro melhor Carnaval do Brasil. A gente se apaixonava pelas marchinhas que pegavam fogo na Rádio Clube de Pernambuco, a mais ouvida nas brenhas dos sertões nordestinos.

Falo da longínqua era dos anos 60, antes da radiola. O povo fazia festa dançante sob os acordes de músicas tocadas no rádio. Basta dizer que o primeiro rádio de Graça Aranha foi um Philco de mesa, comprado pelo meu pai! Era 1961, 1962, por aí. Quem não viu não consegue imaginar a romaria que foi conhecer um rádio!

Vi muito as quengas do Derivaldo pulando Carnaval na rua, e o rádio tocando, enquanto o sanfoneiro descansava. Era assim na Graça Aranha dos anos 60, que eternizei num romance, no qual o nome do dono do cabaré é real, assim como a descrição que vai abaixo, que no livro é “Grotescos dos Bezerras”.

“O Carnaval: consistia em escassos fôfões devidamente mascarados e de homens mascarados vestidos de mulher zanzando nas ruas nos três dias de Carnaval... Na segunda-feira de Carnaval havia o memorável desfile das putas da cidade, que todo mundo esperava na maior ansiedade. Eram as mulheres do Cabaré da Bela... As putas tomavam conta das ruas, num espetáculo que dava gosto de ver, numa alegria contagiante, sem se importar que só no Carnaval elas podiam bailar nas ruas sem serem importunadas. Quando eu via aquelas mulheres, sem máscaras, com cada roupa linda de seda de cores fortes que brilhavam ao sol, o que eu mais desejava era ser uma puta daquelas, eu juro!

Era o meu mais acalentado e indizível sonho...” (páginas 221 e 222 de “Reencontros na Travessia: A tradição das carpideiras”, Mazza Edições, 2008).

Até 1968, com quase 15 anos, jamais havia visto outro Carnaval quando vim cursar a 8ª série ginásial em São Luís. Cheguei ao sábado de Carnaval. Eu e mamãe fomos, três dias seguidos, ver o corso na praça Deodoro, os cordões de domínios, a casinha da roça, os fôfões, os blocos – sobretudo os de sujo... De lá para cá, o Carnaval de São Luís sofreu modificações e 1.001 segregações que garan-

“Na segunda-feira havia o memorável desfile das putas da cidade, que todo mundo esperava ansiosamente. Eram as mulheres do Cabaré da Bela...”

tiam os desejos da “Branca” (Roseana Sarney), que se dizia foliã e criou seu próprio circuito carnavalesco, deixando minguar o Carnaval de rua. Em 2016, está em curso o “Carnaval de Todos”, cujas atrações pré-carnavalescas estão sendo de babar.

Compartilho o que escrevi em “Até que enfim, papai deixou!” (**O TEMPO**, 23.2.2003): “Desde a sua mais remota origem, o Carnaval é momento de ‘furor igualitário’ e de desabafo popular. Há algo mais italiano? Para uns, o Carnaval vem da Grécia: culto a Ísis e dos festejos em homenagem a Dionísio. Para outros, surgiu nas festas dos inocentes e dos doídos, na Idade Média. Polêmicas à parte,

havia Carnaval na Antiguidade clássica e indícios dele na Antiguidade pré-clássica: festas animadas, barulhentas, com máscaras e lascívia.

Carnaval, festa popular por excelência, é uma palavra cuja etimologia está eivada de controvérsias, desde que o significado de “terça-feira” gorda – dia após o qual é proibido comer carne, mas, em latim, é carnelevamen ou “carne, vale!” e quer dizer “adeus, carne!”. Há quem diga que carnelevamen é popularização de carnis levamen, que significa “prazer da carne”, uma festa pagã, atrelada ao calendário da Igreja romana, que ocorre em fevereiro ou em março, nos três dias que antecedem a Quaresma – 40 dias entre a Quarta-feira de Cinzas e a Páscoa.

Vários papas foram inimigos do Carnaval, mas Paulo II, considerado o criador do baile de máscaras, no século XV, permitiu que as festas fossem realizadas na Via Lata, ao lado do seu palácio”.

